

Crise

"Japão será reconstruído", dizem os descendentes que moram aqui

Um fotógrafo, um médico e um político se dizem testemunhas da força do povo japonês para renascer das cinzas

Noemia Alves
Da reportagem local

Divulgação



Descendentes de japoneses que moram em Mogi acreditam na reconstrução das cidades atingidas pela tragédia

Apesar do medo e da tensão que dominam grande parte dos dekasseguis que estão no Japão, no Brasil, o sentimento de preocupação com os parentes e amigos se mistura às manifestações de solidariedade e votos de esperança "por dias melhores" naquele país. A perspectiva dos descendentes de japoneses que residem em Mogi das Cruzes e Suzano é que a recuperação de Sendai, Ibaraki Miyagi e Fukushima - principais cidades afetadas pelo terremoto e tsunami da última semana - ocorra em médio e longo prazo, de quatro a dez anos.

"Não tenho dúvidas de que as cidades assoladas pelo terremoto e tsunami serão reconstruídas de uma maneira mais moderna e mais organizada do que eram antes desse desastre. O povo japonês, além de disciplinado, tem muita garra e é muito

unido, ainda mais em situações de adversidades", comentou o fotógrafo Maurício Hiroaki Sumiya, de 39 anos.

O mogiano, que por quatro vezes num período de oito anos, morou e trabalhou na província de Aichi, cita como exemplo a reconstrução de Kobe, cidade portuária localizada ao sul do Japão, devastada por um terremoto de 7,2 graus na Escala Richter, em 17 de janeiro de 1995. O abalo sísmico durou apenas 20 segundos, mas deixou um grande saldo de destruição: 67.421 moradias, 14.678 feridos, 4.571 pessoas mortas (entre as quais um mogiano) e dois desaparecidos. "Quem passa por isso hoje tem o exemplo de superação e a garra do povo japonês", reforçou Sumiya. Aos 87 anos, Nobolo Mori, médico e presidente do Instituto de Moralogia do Brasil (sociedade civil sem fins lucrativos, apolítica, que tem por objetivo promover o aprimoramento cultural, social, educacional e moral do homem, visando a sua melhor integração na sociedade e a formar cidadãos que contribuam para a realização do bem-estar, da harmonia, da paz e da felicidade do povo, sem fazer distinção de raça, nacionalidade, cor ou religião) também acredita num "novo" Japão.

"Daqui a três, quatro ou cinco anos veremos um novo Japão. No sentido literal e figurado da palavra. Trata-se de um povo que se fortalece nos momentos mais difíceis, graças à solidariedade e união", completou ele, que viajou 25 vezes para o Japão nos últimos 73 anos e tem amigos na região de Saga, extremo-sul do daquele país. "Lá, estão todos bem. Ninguém sentiu nada", disse.

Apesar de acreditar na "garra" e na união japonesa, o deputado federal e ex-prefeito de Mogi, Junji Abe (DEM), ressalta que a solidariedade mundial, em especial dos brasileiros, será decisiva para a reconstrução daquele país.

"Mais do que alimentos, água e todo aporte material que é necessário nesta fase da tragédia, devemos também nos preocupar com a dor e a perda que eles sofreram nos últimos dias e que seguirá por muitos anos. Temos, ainda, de voluntariar em diversas ações que levem a autoestima dos japoneses, porque por mais preparados que eles estivessem para enfrentar um terremoto desse porte, a destruição das cidades de Sendai, Ibaraki e o risco iminente de uma catástrofe e contaminação pela radiação da usina nuclear em Fukushima é algo sem precedentes. Isso, sem contar todos os problemas econômicos que ainda virão", observou.

Integrante da Frente Parlamentar Brasil-Japão na Câmara Federal, Junji Abe se reuniu esta semana com o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, e com o embaixador do Japão no Brasil, Akira Miwa. "O embaixador disse que a solidariedade brasileira está dando grande força ao povo japonês", relatou Junji.